

17

REVISTA

DA SOCIEDADE

PHENIX LITTERARTA

SUMMARIO. — Considerações sobre a classificação das sciencias. —
O Exilado. — Poesia: Mussina. — Chronica

Considerações sobre a classificação das sciencias

(Continuação)

Sob esta epigraphe escrevemos, no penultimo numero desta revista, um artigo que por incompleto prometemos continuar.

Diversos pontos ferimos alli cujo desenvolvimento aguardámos para aqui.

E' chegada a occasião de o fazermos, mais como cumprimento d'uma promessa do que como complemento d'um trabalho cujo unico mérito é o de lembrar o assumpto para que algures se o vá estudar. O assumpto é importante, o author é incompetente. Ninguem mais do que nós reconhece essa incompetência. Tratar da classificação das sciencias, embora considerando-a ligeiramente, não compete a um estudante. Quem tem apenas os rudimentos das sciencias não pode nem deve tentar classificá-las. E' trabalho que pertence aos sabios: só estes o podem fazer com plena consciencia. Tambem o nosso fim, já o dissemos, não concorrer com o nosso fraco contingente no sentido da classificação de Comte. Parecerá, talvez, que não trabalhamos nesse sentido e que, o dizendo, somos contra-

dictorio, pois a classificação de Comte apresentamos modificada. Não agora vimos afirmá-la. Pareceremos ilógico. A razão é outra: somos mais ballo de forças do que de lógica. Se é dado ao genio caminhar em linha recta, se, dissipando a trávia, de molhado e erra, afirmando a verdade, avança sempre, marcha acelerada, não o é dado a todos, não o podem todos, nem sempre querem manifestar sua adhesão aos trabalhos do genio, podem andar pelo caminho mais curto, nem sempre podem seguir sem descançar. Muitas vezes descrevem trajetórias sinuosas, seu caminho é curvilíneo. Então ha máximos e mínimos; ha pontos singulares. São os marcos do repouso. Então ha períodos de silêncio. O pensamento tem soluções de continuidade; a derivada do trabalho é zero. Com nosco dá-se isso, para chegarmos à classificação de Comte andarmos por uma curva sinuosa, affastamo-nos para depois nos aproximarmos. Foi por isso que, em nosso trabalho, apresentamos a modificada; não a podemos obter directamente. Seria fácil obtê-la: repetindo o fundo e a forma do mestre. A gralha, às vezes, traz as penas do pavão.

— Cumre que desempenhemos de nossa promessa tratando de justificar aqui a alta racionalidade da classificação de Comte. Para o fazermos, transcrevemos a ordem de collocação das sciencias fundamentaes, a que nos levou o nosso trabalho; é a seguinte:

Mathematica abstracta	Analyse. Geometria. Mecanica. Physica. Chimica. Biologia. Phrenologia. Sociologia.
Mathematica concreta	
Mathematica	Abstracta
Mathematica	Concreta
Physica..	Inorganica..
	Organica.....

Transcrevemos também a classificação de Comte:

Mathematica	Abstracta	Analise
Mathematica	Concreta	(Geometria Mecanica)
Physica..	Inorganica..	Terrestre. (Physica prop. d. Chimica)
	Organica.....	(Biologia Sociologia)

Astronomia.

Celeste ... |

Terrestre. (

Biologia.

Sociologia.

Nota-se logo, em nosso trabalho, a falta da Astronomia depois da Mecanica. Vejamos quais as razões que teve o grande Comte para considerá-la como segundo termo de sua escala. E' que elle não teve em vista unicamente a classificação das sciencias. Comte foi um grande reformador; teve em vista a reorganização da sociedade. Elaborou ^{organização da sociedade} a ^{reforma} ^{da} ^{Philosophia} ^{positiva} ^{em} ^{base} ^{do} ^{princípio} ^{do} ^{progresso} ^{do} ^{espírito} ^{humano}. A classificação do Comte devia estar de acordo com esse bom sentido. Aquele que satisfizesse a esta: corresponder ao desenvolvimento espontâneo da ciencia. D'outro modo a philosophia que a tivesse como base não seria a natural. Esta condição está preenchida; por esse lado a classificação é boa, é óptima, é a única possível. Antes da positividade physica e chimica houve a positividade mathematica e aeronomica.

A Astronomia como sciencia positiva vem da escola d'Alexandria. Hipparco continuou os trabalhos de Thales e Pythagoras. Se estes por seus estudos de Geometria fizeram com que as figuras geometricas, substituissem os ^{que as figuras} ^{geometricas} ^{substituissem} ^{os} ^{aparecidos} ^{maçanitas} ^(globos, esferas armillares, regas parallacticas, circuitos equatoriales etc.) empregados na apreciação do movimento diurno; aquelle creando a trigonometria empregou a algebra nessa apreciação. Apreciou mais: explicou os eclipses, chegou a predizê-los.

A Astronomia mathematica estava constituída. Mas os conhecimentos astronomicos não começam de Hipparco, vem de mais longe; não vem de Thales, vem de mais longe. O Museo d'Alexandria guardava as observações astronomicas de vinte séculos. Seus arquivos guardavam as comunicações noctis nas das Chaldeas, e m as estrelas, no observatorio do templo de Baal. Callisthenes enviava a Aristóteles as observações astronomicas encontradas em Babilonia. Essas observações denotam um conhecimento avançado dos phenomenos astronomicos. A duração do anno tropical fora determinada; o erro era de alguns segundos. O anno sideral fora fixado; o erro era de poucos minutos. Era conhecida a precessão dos equinóxios. Era conhecida a causa dos eclipses; antes de Hipparco os Babilônios a tinham achado; suas observações sobre essa ordem de phenomenos remontam, a oito séculos antes de nossa era.

Havia noções sobre o systema solar ; a ordem de afastamento dos planetas em relação ao sol era conhecida.

A direcção das sombras tinha sido observada e d'ahi a construção dos gnomons para a medição do tempo. Havia sido então aplicada, para esta medida, a variação dos phenomenos naturaes: dahi os clepsydros—relogios d'agua.

PEYANOVA

Era nos archivos do Museo que se achava todas essas observações, feitas antes que os Ptolomeos tivessem fundado a escola d'Alexandria. Se nesta escola havia uma seção para o estudo da medicina, as havia tambem para o estudo da Mathematica e da Astronomia. As noções da Mathematica haviam começado pela arithmetic: a noção do numero é a mais simples e a mais geral. A Geometria acompanha-a. Thales mede a altura das pyrades por meio da sombra. Para Pythagoras os numeros são o principio da razão. Pythagoras é o fundador da geometria. Demonstrou a propoção do quadrado da hypotenusa. Archimedes é o maior geometra d'antiguidade. Apollonio tratou das secções conicas, d'onde nascem a ellipse e a hyperbole. A Geometria que se desenvolve exige a Algebra. Se o vasto genio de Aristoteles, estabelecendo a doutrina dos quatros elementos, substitui o principio absoluto a uma substancia elementar pelo principio relativo da multiplicidade dos corpos simples, e dava origem à Chimica, pois então era possivel conceber-se a composição e decomposição dos corpos; se é facto que Archimedes conhecia a optica—defendia Syracusia, com os seus espelhos ardentes; se é facto que ao lado da seção de medicina no Museo havia uma sala destinada as operações anatomicas; se é certo que Ptolomeo Philadelphia com medo da morte, estabelecerá no Museo um laboratorio d'onde devia sahir oelixir de longa vida, sonho doado dos alchimistas; se é certo, pois que os enheciamentos physicos as primeiras indagações no sentido da Chimica nos vier desde muito longe, é certo tambem que a Physica só começou a ter um caracter positivo depois das observações de Galileu; que a alchimia se transformou na Chimica só depois de Priestley e Lavoisier.

Procurámos dar uma idéa de como o desenvolvimento espontaneo da razão humana começou pela Mathematica e Astronomia.

Uma classificação que tivesse pois em vista esse desenvolvimento, não podia deixar de considerar como seus primeiros termos estas duas sciencias.

Depois, Comte precisava systematisar a logica positiva; esta resulta da unidade de metodo e da homogeneidade de conhecimentos. Comte devia ensinar o metodo

que não se aprende pelo establecimento de regras abstractas dictadas pela razão pura dos methaphisicos, porém pelo estudo das sciencias. Cada sciencia tem seu genio particular; imprime ao methodo geral positivo uma feição característica. A arte de observar recebe de cada sciencia o seu feiçoamento em um dado sentido. A maioria das sciencias nos ensina a deduzir. A dedução suporta bases, isto é, factos. Deduzem-se leis, observam-se factos. Observar para deduzir é um corollario do dogma — invariabilidade das leis. Começar por onde? Pelo possivel, pelo facil, isto é, pela Astronomia. Aprender a observar, estudando essa sciencia.

Quanto mais simples a sciencia menor é, no seu estudo, o numero dos processos diferentes empregados pela arte de observar. A Astronomia é simples, seu genio permite o concurso de muitos methodos para observar; exige o emprego da observação propriamente dita. E' pelo estudo de la sciencia que este methodo se aperfeiçoa. E' o primeiro que se deve aprender; constitue o fundo de todos os outros; pois a Astronomia, que o ensina, é a primeira sciencia natural que se deve estudar. Para que este methodo seja instituido, os phenomenos a observar devem ser simples. Os phenomenos astronomicos são mais simples; são phenomenos geometricos e mecanicos. Não há coefficientes praticos. A gravitação explica os movimentos. O movimento resultante é decomposto pela Mecanica em dois componentes planetarios. Está claro que não faltamos nas perturbações planetarias. Considerando-as, tem-se os phenomenos mais complicados da Astronomia; são problemas não estudiados. O mais simples problema dos tres corpos — oferece dificuldades insuperaveis à analyse. Entretanto, o mais complexo phenomeno astronomico é mais simples que o mais elementar phenomeno terrestre. Estudar os phenomenos astronomicos onde as observações são facetas, é uma necessidade.

São phenomenos tão preciosos que é este o unico methodo possível em seu estudo. A EXPERIENCIA supõe que o observador possa influir sobre a produçao do pheno. Os astros influem sobre o homem, o homem não influencia os astros. A COMPARACAO exige unidade e variedade: unidade no fundo do phenomeno; diversidade, nas circumstancias que o acompanham. Quer dizer: uma serie de phenomenos semelhantes, modificando-se sucessivamente. A comparacao dos organismos necessita do phenomeno da vida. Comparar o pheno. mico, desde o alga até o homem. Essa serie de pheno-

menos, tornando-se cada vez mais complicados, desde o caso mais simples, até o mais composto, não há na Astronomia. Os casos das estrelas multiplas, na Astronomia sideral, podem servir para assemelhação de outros mundos com o nosso; mas, parece-nos, não se prestam à instuição da comparação científica. Sem a observação propriamente dita, base da experimentação e da comparação, não se pode estudar a physica terrestre. Necessidade, portanto, de seu estudo precedido pelo da physica celeste. Razão sobra de Comte quando considera a Astronomia depois da Mecânica. Além dos motivos de método e desenvolvimento espontâneo das sciencias, justificando a classificação d'este Sabio, há os motivos já mencionados da simplicidade e dependência dos phenomenos.

Vê-se, agora, que se a ordem que apresentamos para a colocação das sciencias foi, parece-nos, deduzida logicamente, é que tivemos mais a vista o subjectivo do que o objectivo. Não tivemos presente ao espírito a necessidade do metodo. A classificação que se afigura desta condição não pode ser adoptada como base de uma reforma de ensino para a reorganização social.

Tendo assim procurado justificar o lugar dado por Comte à Astronomia, assim teremos agora a Barologia. No trabalho que apresentamos, deixou-lhe um outro lugar, que não o que lhe deu o grande Reformador moderno. Agora, é fácil de ver-se que o lugar assinalado por este Sabio à Barologia, com o primeiro ramo da Physica, é exactamente, quanto à ordem de colocação das sciencias, aquelle que lhe compete. N'uma classificação cujo destino é o da de Comte, e que tem como segundo termo a Astronomia, não se pôde deixar de passar do estudo dos phenomenos que apresentam os corpos actuados pela gravitação, ao estudo d'aqueles que apresentam os corpos actuados pela gravidade; ao estudo, portanto, da Barologia. Se uma boa educação científica exige que, estudadas a Geometria e a Mecânica, se as aplique à estudo da Astronomia, essa educação exige também que, estudadas os phenomenos geraes da gravitação, se desça aos phenomenos mais particulares da gravidade. Assim o exige o metodo. Se pela simplicidade e generalidade, os phonom. nos astronomicos são os mais proprios para nos iniciarem no methodo de observação, os são, no entanto, da Barologia, pela sua simplicidade, precisão e generalidade em relação a todos os outros phenomenos da physica terrestre, são os mais proprios para nos iniciarem no conhecimento do methodo de experimentação, methodo cujo estudo a exploração das outras

partes da Physica, e da Chimica, completa. Quatno á prioridade do desenvolvimento espontaneo deste ramo da Physica em relação aos outros, é tambem respeitada nesta classificação. Realmente: o conhecimento da Barologia vem de longa data. Que o attestem os trabalhos de Archimedes e de Aristoteles. Um estuda o peso dos corpos solidos — chaga a noção do centro de gravidade; e estuda o equilíbrio dos corpos imersos: franquea o campo da Barologia estatica ao domínio da Mecanica. Outro estuda a queda dos graves e conhece que o movimento é acelerado; procura o como e engana-se, supondo a velocidade, da queda proporcional ao espaço percorrido. Só mais tarde Galiléu viu esse como: velocidade proporcional ao tempo, espaço na razão do quadrado do tempo. Entao concluiu: os espaços percorridos em unidades sucesivas de tempo estão entre si como a série dos numeros impares.

Não foi só esta a clava com que Galileo franqueou o campo da Barologia dynamica à Mecanica: ampliou o estudo do movimento de translacão, estabeleceu a theoria do movimento dos projectis. Estabeleceu a incompleta, não considerando a resistencia do ar.

Newton reconsiderou a questão; reconsideraram-na Euler e Piobert. Formaram hypotheses para exprimir a lei dessa resistencia.

Se essas hypotheses nunca traduziram a verdadeira lei, tem mais ou menos satisfeita ás exigencias de Balistica, quer na artilharia lisa quer na rainha. E assim que, se nesta é applicada a hypothese de Newton, n'aquelle se considera a de Piobert proposta por Didion e modificada por Thiroux.

Ainda por este lado, isto é, quanto ao desenvolvimento espontaneo, a Barologia ocupa o lugar que lhe compete na sabia e assisicção de Comte, e compete

Temos a sim justificado esta classificação, mostrando ao mesmo tempo que se na ordem de collocação em que dispozemos as sciencias, em nosso trabalho, não se achavam celadas nos de idos lugares a Astronomia e a Barologia, é porque nesse trabalho, atentamos mais ao subjectivo de que ao objectivo. Estabelecermos o nosso criterio sem considerarmos devidamente o mundo exterior.

Chegamos a uma classificação que, como vimos, não corresponde nem ao desenvolvimento espontaneo do espirito humano, nem ás exigencias do metodo.

Considerada debaixo do ponto de vista verdadeiramente positivo, está longe de convir. Toda a classifi-

que não constituir uma base solida para o desenvolvimento do Positivismo, deve ser deixada de parte. Classificar as sciencias muitas o podem fazer; classificar convenientemente, eis o que é difícil. E' Comte cal-as convenientemente, eis o que é difícil. E' Comte quem nos diz que das 720 classificações diferentes que se pode obter com as seis sciencias fundamentaes, por elle consideradas, não ha uma só talvez, em favor da qual se possa fazer valer algumas razões plausiveis. Estando se possa fazer valer algumas razões plausiveis. Estando entre essas 720 permutações aquella que melhor convem, só foi dado a Comte.

Nosso trabalho nos tenta, pois, levado a classificação que apresentamos, desde que quizssemos considerar as nossas condições de existencia no planeta que habitamos, desde que attendessemos que os phenomenos da physica celeste influem de um modo capital sobre os da physica terrestre, não podíamos deixar de passar à classificação de Comte.

Prometteremos também justificar a denominação que dão ao conjunto das sciencias fundamentaes de mathematica concreta ao conjunto das sciencias de mathematica concreta.

Dizem os etymologistas que a palavra mathematica significa sciencia.

FOUCAULT nomeado pelos Gregos as primeiras sciencias cultivadas — Calculo e Geometria, por considerarem, unicamente esses dois termos da escala encyclopedica. Hoje, já não se pensa assim; todos os termos da escala ou são sciencias positivas ou tendem a ser. Todas tem por fim, a descoberta das leis dos phenomenos. Qualquer uma d'ellas será tanto mais perfeita, quanto melhor comportar como auxiliares e instrumentos de deducção a applicação das anteriores. Todas tem por objecto o estabelecimento das equações dos phenomenos, equações que a analyse resolverá ou não. Esta beleza das sciencias é, segundo Comte, o caracter de mathematica concreta. Quer nos parecer que este Philosopho só deu um tal nome ao conjunto da Geometria e Mecanica, por ter considerado, depois destas sciencias, a Astronomia e Barologia, onde não ha leis a descobrir, porém a aplicar. Confirmaram os sua opinião observarmos que depois de definir como mathe matica concreta, unicamente aquellas duas sciencias e não podendo dar este nome à Astronomia e Barologia, considera a Thermologia, depois dos trabalhos de Fourier, como um terceiro ramo da Matematica concreta. E' que a Thermologia, depois do aperfeiçoamento que lhe imprimiu Fourier, já estabelece

equações de phenomenos calorificos. O que se dá com este ramo da Physica, dar-se-ha com os outros, dar-se-ha com as outras sciencias que consideramos, desde que estejam sufficientemente exploradas. O fim d'uma é identico ao fim das outras; ha apenas a diferença na difficultade que apresentam.

Se para umas pode-se esperar, pelo seu desenvolvimento futuro, o estabelecimento de tales equações, para outras, dividido á grande complexidade dos phenomenos correspondentes, semelhante esperança nunca passará de uma chimera. E' o proprio Comte quem n'ho affirma. A applicação da Analyse a uma sciencia, é um symptoma do seu adiantamento. Esperar, porém, a apparição deste symptoma, em sciencias cujos phenomenos estão sujeitos a uma serie de circumstancias variaveis, cujas relações jámais se fixará, é uma utopia. Onde não ha relações fixas não ha calculo. Nem por isso, porém, o fim dessas sciencias deixa de ser identico, para que o nome de mathematica concreta, que caracterisa seu destino, não convenha a todas.

Uma outra promessa nossa era justificar a ordem de collocação, que demos ás grandezas quando procedemos a construcção da nossa escala.

Tinhamos de justificar o primeiro lugar dado á extensão como a mais geral, e aquella cujos phenomenos são os mais simples; depois, o segundo lugar dado a gravidade etc.

E' um trabalho cujo complexo de considerações nos levaria a um grande desenvolvimento. Essas considerações quaesquer que apresentassemos neste sentido, desde que não fossem viciosas, já o teríao sido feitas, sem dúvida, por Comte. Não convém, portanto, trucidar aqui o que foi feito magistralmente.

Rio, Junho de 1879.

LICINIO CARDOSO



O Exilado

Do romance SOFRIMENTO E REDEMPÇÃO

Ante á imagem muda, quèda, tetrica e fria, porem dilacerante, do infortunio que consome lentamente, expira a vingança — impetuosa, desgrehnada, louca, febrilmente e terrivel na sede que a devora.

O Protagonista : « Chegando em Paris, corri os olhos em roda de mim, por toda parte, avido por encontrar as victimas que me atrahião : porem nem vestigios! Um mez, dois, tres e mais, frequentando todas as funções, sempre em constante perigrinação, e nada!

Um dia, deparei com alguns collegas de meu tempo de bandido, e, remontando, em um minuto de calma, o meu espirito a esta epoca, tive remorsos de minhas libertinagens. Ao mesmo tempo, lembrei-me de uma obra de caridade que eu praticara ali, quando estudante, e esta idéa, ajudada pela vingança, extingui o remorso de meu espirito.

Entrei de novo a procurar as minhas victimas, sempre de punhal cosido com a cintura. Vingança!... vingança!... era a unica palavra que se escapava de meos labios! Era preciso fazer desaparecer aqueles espetros sinistros, dissipar aquellas sombras hediondas da luz do dia!

Na centesima noite que eu passava ali, atravessando uma rua, completamente desfarcado, por junto de um grupo estacado em uma esquina curioso como andava, me approximai d'este, afim de colher informações ou mesmo encontrar aqueles que avidamente eu procurava. Collei os ouvidos ás suas palavras : tratavão de um criminoso de fama, que, havia alguns mezes, tinha sido desterrado para a Oceania! Um grande sobre salto de coração abalou-me todo o corpo. Me approximei mais e mais, e, prestando ouvido atento, ouvi pronunciar o nome de Arthur de Aguiar!

Um gemido surdo, sumido e sombrio como o som de um corpo que fende o inhospito ambiente de inonável voragem, se escapou á meos latriss: era precursor de um grito d'alma, da phrase — meu filho! — que partindo do coração fora impelida por todas as suas forças! Cahi por terra.

Ai senhor! figurai, imaginai, creai em vossa mente, um pai desarmado da vingança por este modo, e aquilatai a minha dor. A Providência acabava de me desarmar de tão! Esqueci completamente o infame que roubaria minha filha, e, depois de verter lagrimas de sangue, me determinei ir visitar Arthur no exílio.

E aí ia teria eu forças, coragem e resignação para representar este papel? Sobreviveria à viagem de amarguras que ia encetar? — O coração de um pai, porém, sem consultar os lassos membros que mal se movião, impunha ao espírito a satisfação de seu querer.

Neste mesmo dia, semi-vivo, semi-morso, carcomido pelas dores, sem mais um seitil de honra, me dirigi à Oceania. Ia beijar meu filho, meu charo filho, o exilado.

Exilado! Palavra esta cruel, acerba e amarga aos labios que a pronuncião. Exilado!... sim! Io sou pai, sem mãe, sem irmãos, sem amigos, sem venturas, sem carícias, a sós, triste e infeliz! Cadáver onde ainda palpita vida, porém toda eivada de dissabores! Cabeça onde há ideias, porém sombrias e lugubres, como as trevas! Peito onde ainda existe um coração, porém cercado de acerbas lanças!

Exílio! Punição detestável e nefanda que vai de encontro às leis naturais que regem nossos corações! Exiação deshumana que nos dilacerá a alma aos poucos, como cancro voraz que é de nossos peitos!

Oh! desgraçado, três vezes desgraçado aquelle que nasceio levo por sorte tragar o duro e amargo pão do desterro! Infeliz, três vezes infeliz aquelle cujos labios, já tendo provado, em tempos mais duros, o manjar, o nectar da terra natal, se vê forçado a beijar o calice repleto da cicuta, do fel do exílio!

A mão mircada d'esse misero tenta uma, duas, três vezes levar aos labios esse calice a transbordar de amarguras; porém dehalde! Uma, duas, três vezes volta contra a vontade de quem já a susteve, e depõe o fel onde o receberá...»

O ancião suffocado por gemidos, interrompe o fio de seu discurso, e, surdamente, Roberto, que o escutava, ouvia elle dizer: « Arthur! Arthur! meu filho! que negra estrela tolhou os horizontes de tão pai? que anjo mal roçou-lhe o berço com funestas azas?...»

Depois, proseguiu em uma attitude arrugante de desespero:

« Oh! nem ha na especie humana, quem não estremeça de terror ac surger-lhe á mente ideia tão sinistra! Não

ha ente tão bastardo, de cujos olhos não se deslize uma lagrima ao lembrar um passado de caricias, mesmo no gozo de um presente de venturas, quanto mais de des-sabores!

E haverá, senhor, no humano dialecto, linguagem que possa descrever a saudade, a tristeza, a dôr e o desespero do proscripto?

Rouhai, por um instante, a luz aos vossos olhos; vendai-os, para que elles atingir não possão a immensidade de vossos mares, a extensão de vossas praias; para que elles ver não possão o verde de vossos campos matizados de flores, de vossos prados, de vossos outeiros, de vossas montanhas; trancai os vossos ouvidos, para que elles ouvir não possão os gorjeios melodiosos de vossas aves canoras; para que presentir não possão o brando e suave ciciar da briza nas folhas de vossos coqueiraes; e, n'este chão terrível em que vos puz,—fahei uma pequena idéa, calculai o exilio!

O exilado é cego, porque não vê o que deseja. Ele lembra o céo que circumscrevia seo patrio solo, o mar onde esse céo se mirava, os campos, os prados, as varzeas, e de tudo isto se reflecte a miragem em sua imaginação, espelho fiel que azeda seos males, que aviva suas dores e que aumenta suas saudades. O exilado é surdo, porque de pé, quer sobre a collina, quer sobre a escarpada rocha do exilio, attento procura distinguir uma voz, um som, um echo apenas das melodias que outr'ora lhe extasiava o viver, e só ouve o carpir das vagas, o som monotonio e triste dos agoureiros cantos que lhe pranteão as delicias da existencia!

O cão desviado, que em estranhos campos sente-se perdido, lembra seo senhor, seo amigo, seu companheiro,—chora, e manda seos uivos à solidão! A rola que, impelida pela secca, deixa seos bosques, embora tenha deparado com rico oasis, ao lembrar suas arvores, seo pouso, seo ninho,—solta ao vento suas endéchas! Qual não será, pois, a saudade, a dor, o desespero do ser humano, do ser pensante, que tem uma alma onde o sentir é mais profundo? Acrescentai a este martyrio o remorso de ter desprezado um pai velho e enfermo, a vergonha de trazer estampado na fronte o estigma de mão cidadão, o ferrete da infamia e da deshonra!

Ai!... elle se estorce em dores: seos pés torrão as plantas em que pisão; seos labios transformão manjares em veneno; seo alito impesta e murcha a flor mimosa; e

o engeitado da sorte só pisa em brazas, só bebe absinthio, só inspira podridão !

Não é este o seo maior martyrio ! Elle lembra, na hora do infortunio, o charo ^{do} pai, a irmã ^{da} extremosa e o irmão amado que erão, na infancia, assiduos companheiros de seos brinquedos infantis, fieis confidentes de seus segredos e participes de suas tristezas pueris. Esta recordação dolorosa lhe carcome o peito ! O infeliz sente a cabeça es-
calada em febre, e delira :

Julga ter regressado aos patrios lar's ! Ajoelha aos pés do pai idolatrado, pede-lhe perdão, e avido lhe beija as sacrosantus mãos ! Chega os labios, e, sem ter em nada rogado, beija a irmã adorada ! Abre os braços, e, sem os haver cerrado, dão o terno amplexo no irmão querido ! Estende a mão por onde apenas passa a viração, e crê ha-
ver apertado o amigo de infancia ! Sem haver mudado de lugar, immovel como um penhasco, corre a casa onde nascerá: vai à sala grande, à sala do jantar, entra no quarto onde tivera luz, e ali mira o tecto, as quatro pa-
redes e o chão que o viu nascer, deixando rolar pelas faces grossas lagrimas de saudade; corre á copa, à cosinha, vai ao quintal, e ali ainda encontra o mamoeiro, a guabéira, a figureira velha d'onde roubara em menino o ninho do sabiá, o lago ameno onde se mirava, o caminho predilecto e tudo ! Extasia-se até em presença d'aquillo que d'antes lhe era indiferente, e tudo se apressa em devorar com os olhos ! Procura beijar de novo o pai amado: vai a seo en-
contro; e, no esforço do supremo gozo, acorda-se, depára com a triste realidade e, como o suicida que falsea ás bordas do abysmo,— cahé livido, macilento, desfigurado e sem vida, sobre o chão, que fará as vezes de mesa aos abutres, que terão por iguarias seo corpo ! ...»

O misero velho delirava, descrevendo esta scena triste, que representava tão compenetrado como, se de facto, se estivesse passando consigo o que expunha ! De seos olhos se desprendião centelhas de fogo, que electrizavão a propria fúra, se o visse ! Era triste e doloroso ver-se aquelle infeliz a braços com as proprias desgraças. Ora, levava a sua cholera, a sua indignação ao auge, clamando contra a sociedade corrupta que perdera seu filho, contra a sociedade deshumana que creára um tal castigo; ora, acalmava-se, pouco a pouco, tornava-se sublime, pathetico e doloroso ao mesmo temp ! A ternura de suas pala-
vras faria lagrimejar as proprias pedras; o accento de sua voz feria como afiada navalha, sem que quem as ou-
visse podesse sentir a profundezas do golpe ! Prodigio de

amor! Via-se que em seu coração já não havia o menor ressentimento das ingratidões de seus filhos. Não era o mesmo homem de homem que era o Vingador, que avido procurava saciar sua cholera no sangue das vítimas que o excitavam: era o pai, que, traspassado o coração por dores maiores que lhe faziam esquecer o passado, procurava a habitação cavernosa e escura, onde não havia sequer uma esperança das esperanças da vida; onde não havia, estrelas, firmamento, nem astros; onde, finalmente, tudo é lodo, lama, po, iridão, ignominia, deshonra e infamia! Era o ser humano que levava aos lábios fétido amargo e mo o que dera Judas ao Martyr do Golgotha, poucos instantes antes de voar sua alma ao seio do Eterno. Para aquele infeliz já não havia dores maiores: ele se achava a braços com os males os mais reaes, os mais cruciantes que podem affligir a creatura humana. Desgraçado! Novo Aschauerus, se achava estampado n'aquelle fronte senil o estigma do judeu da lenda: a morte fugia-lhe como bravio fera aos golpes de caçador sagaz! Novo Tantalo, cercado de manjares que preparam os anjos para os martyres que sofrem a depuração de suas faltas neste mundo, o justo de hoje não os podia provar ainda, porque a vida de sofrimento se apegava àquelle corpo como a sanguessuga à carne humana! Doia n'alma, ver-se aquelle misero homem semi-cadaver, em luta com a natureza, assim de pôr termo à historia de suas desgraças. Por fim, o espírito, mais forte do que a matéria, recuperou as forças perdidas, e o desgraçado, voltando à posição primitiva, prosseguiu com perra voz a descrição de sua viagem ao desterro de seu filho:

« Todos estes pensamentos me anuviavão a alma, durante o trajecto que mais uma vez me fazia o homem o mais desditoso, o mais desgraçado que o céu cobre. Delirei toda a viagem, e esses delírios me trazião pesadelos horíveis da realidade com que fui deparar...»

Tresais pungentes sahirão d'alma d'ancião, e bagas de suor de sangue lhe molharam o peito branco, que a rôta camisa deixava ver.

« Puz os pés no desterro! n'aquelle desgraçada terra que, em vez de meu filho a quem eu queria lançar a bênção do perdão e dar o osculo paternal, me apresentou, em sua superfície, ossadas de um desgraçado! sobre aquele esqueleto, ainda não consumido de todo, uma nuvem negra de corvos empoleirados completava a obra de destruição encetada pela morte.

Oh ! vinde ! vinde corações de bronze, almas petrificadas, seres desnaturalados, ver como se desputa, à porfia, aquella vítima ! Vinde ver a consequencia da luta travada entre o ser humano e o infortunio !... Aquelles abutres vorazes... aquelles vermes vis... juizes da grande demanda, desficião agora o objecto demandado ! Roubarão á terra mais um de seos filhos que, por ella criado, deveria ter por ultimo jazigo o seo seio, onde responderia eternamente ! Vede ! vede estendido sobre o duro e aspero chão do exilio, o filho da desdita, o engeitado da sorte ! Aquelles olhos onde a magia e a graca scintillaram... sem vida !... sem iuz !... servem agora de fructo ao obutre, que de uma só vez os traga ! Aquelle coração, depositario de amor, essencia da vida humana, é agora dracera o por gudos bicos !...

Depois que lancei a vista sobre aquelle tão triste espetáculo, o terror me paralyson o sangue nas veias, e, com as mãos cheias de cabellos, estendi-me sobre aquelles ossos, onde permaneci longo tempo sem sentido !

Durante o tempo que estive deitado sobre aquelle esqueleto, rei de minhas dores, o delirio me trouxe um sonho feliz :— não erão aquelles ossos de meu filho, e, lamentando ante elles as minhas desgraças, Arthur me surprehendia, abraçando-me desfeito em lagrimas, e gritando — meu irrrado desfeito pai !... meu pai !... perdoa !... perdoa a teo filho... sicario que tão fundo cravou o punhal em teo peito !

Estes gritos me acordarão ! E, como o condenado que, estendendo-se no patibulo, levanta-se esperançoso ouvindo o clamor de salvacão do povo que impede sua execucao, e que nem a mais tem tempo de ver a realidade, porque o machado do carrasco faz rolar sua cabeça ensanguentada sobre o chão do suppicio, antes do signal — eu, me levantando, mal abri os olhos, deparo com o retrato de Amelia, de minha chorada companheira, sobre as costelas do cadaver que tinha ante mim.

O sol, que já se havia posto, bruxoleou de novo em seo occaso para presidir aquella scena de miseras ; e derramou, sobre o busto inacilento e inanimado de um ancião mundo e de pé ante aquella ossaria, um raio frouxo de sua luz...

Dois dias permaneci n'esta posição, sem que meos labios, mesmo de leve, tocassem o menor alimento, a minima molecula d'água. Por fim, esvazioi a mala, minha companheira de viagem, atirando alguma roupa que tinha ao monturo, e fiz d'ella — urna d'aqueles ossos, afim

de enterral os no lugar do nascimento de Arthur, cujo ser se cifrava n'aqueles restos. O paiz estrangeiro havia consumido as carnes que os cobria ; era mister que a terra da patria lhe guardasse os ossos ! Misera ! .. tivera sorte igual à minha ! »

Escola Militar.

TITO AMARAL.



Mussina

(PHANTASIA ORIENTAL)

A' U. CABRAL

Constantinopla abria os seios mornos
A's bafagens que vinham-lhe do Bosphoro,
Desenhando na sombra os seus contornos
Envoltos na pelussia
Dos velludos de Smirna e Bagdad.

Era muito gentil a grã cidade:
Vinham-lhe aos pés as ondas de Stambul,
Santa Siphia além — os minaretes,
Ao fundo a lua sobre o golfo azul,
No ar esse perfume
Das rosas e jasmins de Alexandria.

Que noite ! — Oh ! céo dos filhos de Ismael
Quão languida eras tu n'aquelle instante !
Algum judeo — um filho de Rachel —
Quem sabe si ness' hora
Não lembrava a chorar — Jerusalém ?

A Grecia... porque não ella tambem ?
Phriné, Corinna — a arte, a poesia,
Lhe são constellações suaves, puras,
Mas quem sabe si não invejaria
A noite oriental,
Os perfumes da filha do propheta ?

Constantinopla a vaga te balança,
Embevecida, no ceruleo seio !
E's bella a te prender no devaneio
Das scismas languorosas,
Entre aromas da Arabia adormecendo.

.....

Foi nessa noite — ao fio estremecendo
Conchegava o roupa à forma núa,
Banhada do lascivo albor da lua
A mais linda visão de todo o Islam.

Flor talvez que das veigas de Ispahan,
Transplantada aos jardins mahometanos,
Mussina despertara aos quinze annos
Nos harenos do Senhor — miseria atroz!

Supportar esse amor — amor algoz,
E esses beijos vorazes de Abdull...
Ella remiria a vaga de Stambul
E no balcão debruça a fronte fria.

Suicidar se ?.. E Alcôo ? o que seria
Do jovem grego — esse corsario Jonio?
Elle valente, um'alma de Mardonio,
Elle o pirata que crusava os mares ?

Pobre Medora!.. e quem os teos pesares
Havia consolar no transe afficto?
O fero eunuco, ess'alma de granito,
O pescador helleno, o nauta errante ?

Porem... é uma garça que distante
Sacóde as plumas sobre o azul da onda ?
O teu olhar — diamante de Golconda —
Mussina, porque o fitas tanto ali ?

— Alcôo !... sua corveta eu conheci !
Allah ! oh grande Allah, me ouviste o pranto !
E nisto ella despoja-se do manto,
E prostra-se ante o deos de seos avós

.....
Voemos à corveta. Em pé, a sós,
No castello de popa, um bello moço,
Tendo os cabellos negros ao pescoco
Cahidos em redor — e a tez queimada.

Dos ciclões pela râbida lufada,
Dá a voz de commando aos marinheiros.
— Estamos à chegar, ó companheiros,
Eia ! mais um esforço e damos fundo.

O olhar do mancebo ia profundo
N'aza do amor à estremecida amante ;
Sentia-se agitado e vacillante
Esse leão do mar que não tremia.

No entanto a noite adeantada ia.
Envolvia os harens a solidão.
O pirata não pôde mais ter mão :
— Barcel ao mar ! gritou. Alto a corveta !

Quem não sabe Romeo e Julietta ?

.....
De manhã na poetica Stambul,
Implorando o soccorro do propheta,
Tremião todos do feroz Abul...

A perola d'Islam — creança linda —
Mussina, o que era d'ella, p'r'onde fôra ?
Dizei, dizei ó echos de Myssora,
Responde ó plaga de doçura infinda !

Resvala sobre o mar — o velho athleta —
Em demanda da Grecia, uma bandeira...
E' o corsario Alcô — vôa ligeira
A garrida corveta !



Chronica

O vos que fostes o precursor do Messias !

Derrubae sobre nossa cabeça o Jordão das vossas
gracas e deixae que narremos em prosa chata e cho-
carreira o que se passou por este mundo no mez do
vosso glorioso nascimento.

Sabeis que outrora a cidade de S. Sebastião era uma
cidade como ainda existem muitas pelo interior do Bra-
zil. Não era calcada à parallélopipedas nem tinha *bonds*
de tostão. Os porcos e as gallinhas viviam na mais santa
paz com o fiscal da freguezia; comiam-lhe a couve e
foçavam-lhe o... quintal. Não existia ainda a Junta de
hygiene nem a empreza Gary. O gaz, a estrada de ferro,
o tunnel da Gamboa, a limpeza das praias, a *City Impro-
vements* e tantos outros melhoramentos de que hoje nos
orgulhamos— eram coisas em que nem se sonhava.

E no entanto vivia-se bem. Corria-se menos e anda-
va-se mais. Havia mais segurança de vida, de pernas,
de... tudo. As ruas eram mais limpas, bebia-se melhor
água e respirava-se um ar mais puro.

Nesse tempo o vosso dia era de verda leira festa po-
pular. O rico e o pobre, o velho e a criança, o senhor e o
escravo reuniam-se em torno da fogueira e ahi, indistinc-
tamente, assavam canhas e atacavam *bichas*. O busca-pé
affrontava as posturas da Camara, e em plena rua traçava
doudejante os seus zig-zags de fogo. A pistola e a rodinha
tinham os fôres da nobreza e eram queimadas ao ar
livre— na porta da frente ou no fundo do quintal.

Naõ se conheciam ainda as *espigas japonezas* nem as
cobras de pharão que se queimam hoje atrás das cortinas,
n'atmosphera n'nervadora dos salões.

Ó tempos ! ó costumes !
Ó estouros ! ó batatas !

Agora... a «onda da civilisação» invaí-nos por todos
os lados e assoberba tudo. A fogueira reciu e o busca-pé
vai se tornando um contrabando. O pobre já não se diverte,
porque vergado ao pesado imposto mal pode sustentar o
da familia. Mas não vos queixais, ó meu santo. Ainda há
quem se lembre de vós; ainda há ministros com o vosso
nome.

Um deles é o Sr. João de Moura, o homem que se extasia ao ver a sorte do ovo, onde ora aparece um navio, ora um bule; o homem que não pode admittir que na Corte se chame *bicha* ao que na Bahia se denomina *traque*.

O outro é o sr. Sinimbú, um verladeiro *lord* — arrogante e grave na câmara dos deputados, humilde e simplicio no senado.

Não vos queixais, ó meu santo!

Nas altas regiões do poder ainda há quem vos louve e quem vos festeje. Ainda há quem gire a Roda do Destino, lance os dados e tire sortes; ainda há quem à ver a sombra no espelho das aguas, para saber se morre ou não no decorrer do anno; ainda há, finalmente, quem se lembre de Herodes e da vosca degollação.

Voltemos agora um pouco. E' mister que vos falle da queda do Sr. Leoncio, das vaidas nos ministros e do assassinato da canalha.

Era o 5 de Junho. Os jornaes annunciamavam gente nova no governo, e a *canalha* (esta canalha!...) encaminhava-se para a rua da Misericordia, aneiosa por ouvir a palavaria do nobre presidente do Banco.

Dada a hora, abre-se a sessão.

As galerias estão cheias, e o chronista — um pouco alheio às tricas parlamentares — vê entrar um velho segurando duas crianças pelas mãos, e as im, com ars de quem manda, fallar:

« *Myagundes!* Aqui vos trago os meus dois ultimos filhos — o Totonh e o Chiquinho. Como sabéis, um é de Taubaté e o outro de Chique-Chique; são bons meninos. Fazoi-lhes as vontades, me m' filhas dos *cahundus*, e contae commigo e com elles. O Leoncio depois qu' vestiu calças, com' cou a mijar m' fóra da pichorra, occupando-se de ensino livre e de outras questiunculas de instruçao, e mo se o povo necessitasse destas coisas para ser governado. Achai que era um grande desafôro, e, de acordo co u o Affonso, m'ndei-o « por-se a pannos (*) »

São estes os es' trecentos que julgo conveniente dar-vos. E no — mais estamo em familia e viva nos.»

Muito bem! dis'ram os cunhados, sobrinhos e genros.

(*) Valhei-nos, ó Theobaldo! Explica-nos a origem d'este dictado.

Coube então a vez do sr. Leônio.

S. Ex. ergueu-se, não mais do seio do ministerio, porem da valla communica; e semelhante ao phantasma de que nos falla Soares de Passos no *Noviado do se-pulchro*, olhou em reda, viu a rapazia a polytechnica e disse com voz magoada: « Meus senhores ! Eu sahi do ministerio porque me alijaram, porque me trahiram ! O sr. João de Moura, este bicho que aqui veles, não só encampou a *idéa-mãe*, como ainda me aconselhou a demitir Ignacio Galvão. Oh ! foram uns perfidos ; foram uns traidores ! »

Em seguida falou o sr. Affonso Celso e fallaram outros, cabendo, porem, ao sr. Joaquim Nabuco a gloria de fechar a roda e de amarrar o joven ex-ministro cavalleiro da oposição.

No dia seguinte é que foram elles.

A canhota enchia de novo as galerias, corredores e todos os escaninhos do interior da camara. Os mais prudentes quedavam-se ao largo, promptos a... disparar.

Dahi a pouco (não vos digo nada) entra o sr. Affonso Celso, e zás ! chapéu pela venta, encapellação à Castro-Urso. Mas tambem dahi a pouco a infantaria, o batalhão naval, e todas as forças de mar e terra que S. Exas. queriam riscar do orçamento, desemb cavam das esquinas e vinham, tristes e gangentas, se postar em torno a camara, onde permaneceram não sabemos porquanto dias, porque...

Nunca fostes impedido, meu santo ?

Oh ! sim, já fostes ! Já estivestes nos carcereos de Macákau, e portanto podeis avaliar o quanto é triste e doloroso lançar-se os olhos através de um grade, ver-se a estrada tão limpa e tão enxuta !... em isalem a cidade com suas casas e seus morros !... lembrarmo-nos de que nella temos affições que nos esperam e que não podemos sair porque nos julgam amotinador !

Oh ! é triste ! Porem mais triste é sem duvida alguma o papel que estão representando os apriçadores (0.99) de Ernesto Rossi, o eminentemente tragico que veio de pedir-se ao publico fluminense e levar-lhe mais alguns contos.

A respeito destes (apreciadores) encampamos *in totum* a opinião do *Caipira*, expêndida em sua 350^a carta, publicada no *Jornal do Commercio* de 27 de outubro.

O que não encampamos, por nos parecer irregular, é o modo porque o governo pretendeu acabar o conflito Leoncio-Polytechnico-Raposo, mandando fechar as aulas por espaço de um mês.

No pé em que se achavam as causas, a medida não podia ser mais incompleta nem mais infeliz. Não sabemos mesmo o que teve em vista o governo assim procedendo.

Acalmar os animos ?

Oh! não cremos. A effervescencia fôra muito grande para se extinguir num prazo tão curto. Mais alguns dias, e o governo se convencerá de que nada adiantou.

E note-se que elle tem uma camara á sua disposição, da qual só não obtém o que não quer!

Peis então que faça uma causa : se quer a todo o transe sustentar o acto do Sr. Leoncio, privando o Sr. Galvão da directoria da escola; se quer mostrar a congregação da polytechnica que « o governo é o governo » — *mande*, já e já, votar uma autorisação para reformar o regulamento e arranje-o de modo que não se lhe conteste mais o direito de preencher os cargos de confiança.

Não tem a oposição do senado, que lá está o Sr. Affonso Celso á quem nem mesmo o Sr. Corrêa será capaz de resistir.

Podera ! Elle é o netinho da casa, e os avós, por mais severos que sejam, deixam os netinhos puxar-lhes a barba, montar-lhes as pernas e mijar-lhes no collo.

Deixemos as pelloticas do governo, e fallemos agora de um livro e de uma carta que temos á vista.

O livro tem por título — *A Philosophia no Brazil*, e é escrito em linguagem incisiva e correcta, de harmonia com os mais adiantados principios da sciencia.

Seu autor, Sylvio Romero, denomina-o simplesmente — *Ensaios Críticos*; mas a nosso ver elle é mais do que isto: é um estudo consciencioso e profundo de tudo o que de melhor entre nós se tem publicado em matéria de philosophia e que muito auxiliará aos que com proveito se quizerem ocupar desse objecto.

Se algumas vezes o autor maneja despiadadamente o escalpello da critica; se a cada passo dá arrhas do seu

germanismo, e busca como que urdir uma conspiração contra os escriptores da imprensa fluminense, de que hoje faz parte, são, na verdade, senões tão pequenos que desaparecem completamente ante o mérito real do livro. Venham outros, e aceite o autor as nossas felicitações.

Chama-nos agora o Sr. Gaspar da Silva, o autor da *Carta de Um Emigrado*, dirigida ao Sr. Camillo Castello Branco, à propósito do seu último livro — o *Cancioneiro Alegre*. Não sabemos se o leitor já ouviu falar neste livro e muito menos se já o leu. Em todo o caso sempre lhe diremos que não passa de um acervo de injustiças e grosserias lançadas contra muitos escritores de incontestável mérito, tanto brasileiros como portuguezes.

Parce que o fecundo romancista ao escrever aquele libello diffamatorio do seu talento estava soffrendo de algum ataque de Hydrophobia.

A Carta de Um Emigrado, que esperavamos ser uma refutação séria deste livro, é um opúsculo de quinze páginas dedicado à sete mocos desconhecidos para o Sr. Camilo, mas que, na opinião do Sr. Gaspar, representam a nova geração litteraria do Brazil, geração cheia de vida, de intelligence, de entusiasmo e de aspirações. Lemol-o e relemol-o com acurada attenção; porém ao chegarmos ao fim da ultima pagina sentimos um certo constrangimento e dissemos o mesmo que disse o Sr. Gaspar ao fechar o *Cancionero Alegre*: « Este homem trahi-nos ! Este homem Iudibriou-nos ! »

Se escreve portuguez com uma correccão « que muitos
bachareis formados, de lá e de cá, invejam, » no que
diz respeito a critica e a refutação dā bem triste copia de
si. No seu caso, em vez de dedicarmos a carta dirigida
ao Sr. Camillo à sete individuos por elle desconhecidos,
sem enviar-lhe os respectivos retratos, a teríamos con-
- grado aos sete infantes de Lara ou aos sete peccados
mortais.

Em fim; como expressão de reconhecimento de um estrangeiro para com o paiz em que foi bem acolhido, a carta do Sr Gaspar da Silva é sobremodo lisongeira, o povo brasileiro; e nós, como parte deste povo, que ama e que preza as suas glórias, lhe agradecemos tanta fineza e o empenho que mostra para que o Sr. Camillo e outros grosserões da sua laia, conheçam melhor os nossos escritores e facam-lhes a devida justiça.

Como produzir literatura destinada a refutar um li-

vro do genero do *Cancioneiro* é que, tenha paciencia o ilustre emigrado, a sua carta nada vale, nada significa.

Desculpe-nos a franqueza, e consinta que assim termemos esta chronicá, ultima das que, por espaço de um anno, temos impingido aos leitores da *Revista*.

ACEITEM ESTES AS NOSSAS DESPEDIDAS, E AGUARDEM O COLLEGA
QUE NOS VAE SUBSTITUIR,

E UM MOÇO DELICADO, INGENUO E.. HÃO DE VER; HÃO DE
VER.

Corte, 30 de Junho de 1879.

M. V.

De conformidade com os estatutos da nossa sociedade,
foram eleitos para servirem no 2º semestre do corrente
anno de 1879:

Presidente — Raymundo de Souza Paes de Andrade.

Vice-Presidente — Manoel P. de Oliveira Valladão.

Orador — Lícinio Athanasio Cardoso.

1º Secretario — José da Silva e Oliveira.

2º Secretario — Antonio Borges de Athayde Junior.

Thezoureiro — Cândido Dulcidio Pereira.

Gerente — Manoel Corrêa de Faria.

Bibliothecario — João Paulo de Junqueira Nabuco.

Procurador — Theodorico Gonçalves Guimaraes.

Comissão de Redacção da REVISTA

Luís Nina Sodré e Silva.

Rodolpho Cardozo Pão-Brazil

José Faustino da Silva.

Lourenço Ferraria Valente do Couto.

Leopoldo Rodrigues Chaves.

Ernesto Marques Machado (adjunto)

